



SERPAJ/BRASIL

30 SET 1993
30 SET 1993

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

15 ANOS DE LUTA

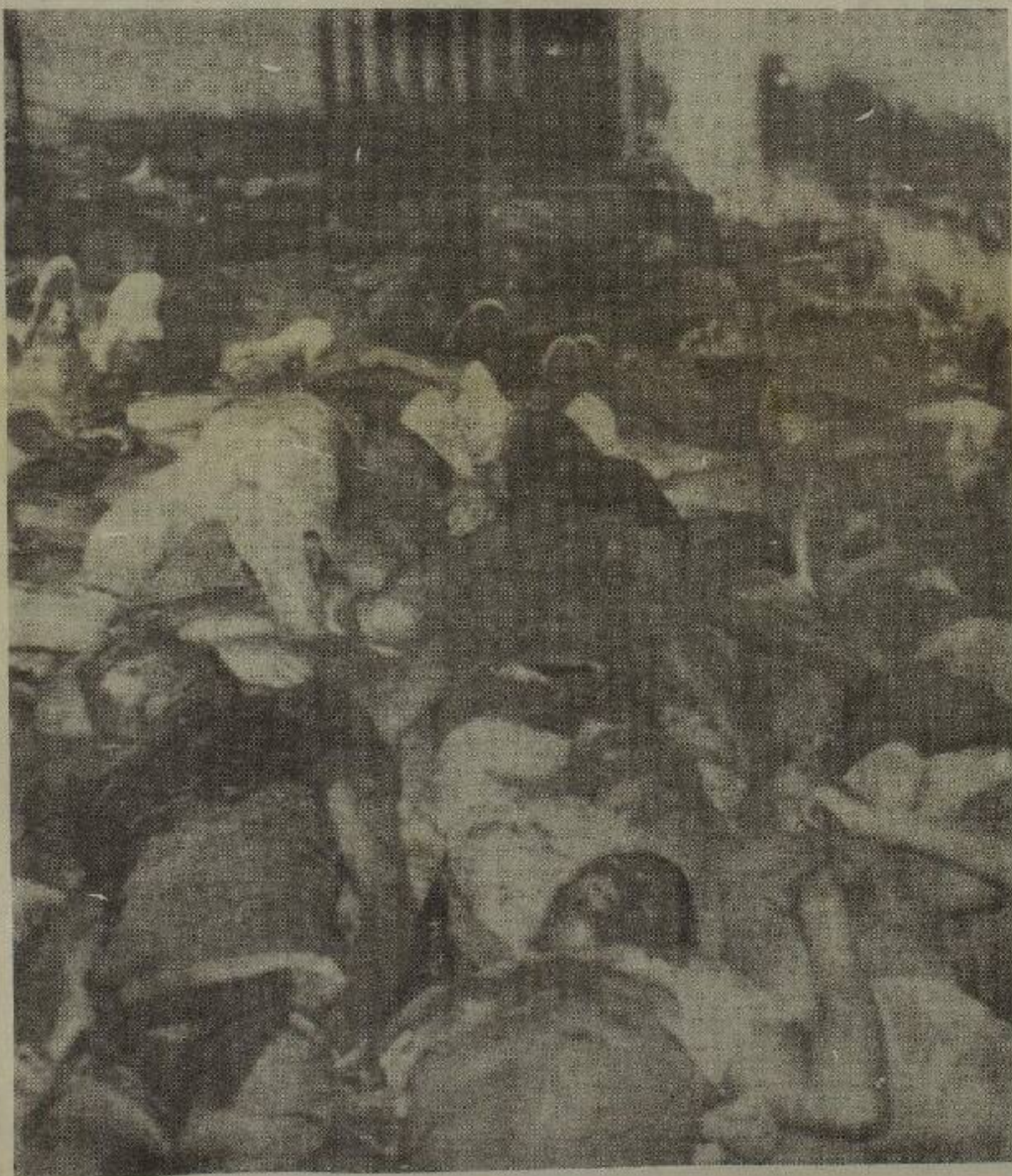
ANO XII

Nº 22

Setembro de 1993

Órgão Informativo do SERPAJ/Brasil

A violência não é a solução dos problemas sociais



EDITORIAL

Assistimos nos últimos tempos a uma onda crescente de violência contra a população brasileira. Os fatos nos mostram que a violência não acontece espontaneamente mas é resultado de um plano premeditado, levado a cabo pelo crime organizado, pelas instituições policiais, pelos latifundiários e pistoleiros. Os atingidos sempre são os mais pobres, as lideranças populares, os meninos de rua, os índios...

Não basta termos que sofrer as consequências de um sistema político-econômico injusto, que beneficia uns poucos exploradores e deixa a maioria na pobreza, ainda temos que enfrentar as balas dos que supostamente deveriam defender a lei e atuar a partir dela.

Ha de fato um problema social e ele deve ser resolvido urgentemente. Contudo, o uso de violência, implícita e explícita, física e psicológica, pessoal e social, não tem conseguido superar estes problemas. Os assassinatos, as chincinhas, a vingança... servem apenas para aguar e gerar mais violência. Além do que, presenciemos estarecidos a total impunidade no que diz respeito aos mandantes de crimes e a seus executores. Isto sim, dificulta o uso de violência.

A violência dos direitos humanos deve acabar. Os processos judiciais necessitam de medidas, verdadeiras de investigação dos fatos, determinação dos responsáveis e qualificação dos delitos ocorridos. Movidos pela ética e pela consciência nacional devem ser assumidos prioritariamente, expondo-se as verdades, sem manipulações por interesses particulares.

A não-violência, na sua busca de justiça social, exige a reparação dos fatos e o absoluto julgamento dos culpados. Esta estratégia construirá, ao contrário do uso da violência, uma nova consciência social de participação e respeito dos direitos humanos.

Índios, crianças e trabalhadores: alvos da violência e da impunidade

Os recentes massacres dos índios ianomami, dos detentos de Carandiru, dos meninos da Candelária, dos trabalhadores da favela de Vigário Geral abalam a sociedade brasileira e revelam que o modelo de repressão de regimes autoritários volta a vigorar. Em períodos de crises socioeconômicas e políticas, são os setores marginalizados os primeiros a serem sacrificados para o bem-estar das elites dominantes?

Essas chacinas são resultados de um sistema de governo que autoproclama-se liberal e democrático. No entanto, suas instituições reproduzem ideologias e práticas violentas que visam somente a manutenção de seu poder sobre os setores oprimidos da sociedade. Neste contexto, todos os segmentos que não podem ser utilizados na geração de lucros para a burguesia são excluídos e exterminados.

Os povos indígenas são exemplos do processo de exclusão que predomina no País. O massacre na maloca de Haximu, da Área Indígena ianomami, localizada nos Estados de Roraima e Amazonas, na fronteira com a Venezuela, não foi o primeiro sofrido pelos ianomami. Entidades li-

gadas à causa indígena, como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Coordenação pela Criação do Parque Ianomami (CCPI), têm denunciado os ataques contra os ianomami. Os primeiros ocorreram a partir de 1974, com a construção da Perimetral Norte pelos militares com o objetivo de ocupar a região. A estrada permitiu a invasão em massa dos garimpeiros.

No governo Sarney, no período de 1987 a 1990, segundo o Cimi, aproximadamente dois mil ianomami morreram por causa da violência e das doenças levadas pelos garimpeiros. Deve-se enfatizar que estes invadiram o território indígena incentivados por políticos locais e patrocinados por grupos econômicos que cobiçam as riquezas das terras indígenas.

As primeiras informações imprecisas sobre o massacre e quantidade de mortos foram utilizadas pelos setores antiindígenas para fazer uma campanha contra os direitos constitucionais dos ianomami. O governador de Roraima, Ottomar Pinto, e o líder dos garimpeiros, José Altino, disseram que não havia ocorrido massacre e que tudo não passava de uma armação das entidades ligadas

à causa indígena e da Funai. Os meios de comunicação exploraram de forma sensacional os fatos e, no fim das contas, sempre a serviço da sórdida campanha que tenta manipular a opinião pública contra os direitos indígenas. O relatório do antropólogo Bruce Albert, que há anos realiza estudos entre os ianomami, esclareceu que aconteceram dois ataques. Um ocorreu no início de julho, quando os garimpeiros mataram cinco índios para vingar a morte de um colega, morto pelos índios, após roubar uma arma de uma maloca. Os índios revidaram e teriam morto mais outros dois garimpeiros. Entre os dias 23 e 24 de julho, os garimpeiros voltaram e assassinaram 13 índios, próximo ao rio Haximu, afluente do rio Hwarau, nome ianomami do rio Orinoco.

O segundo ataque, segundo Bruce Albert, ocorreu na Venezuela. Foi constituída uma comissão daquele País para apurar o caso. A Câmara dos Deputados também criou uma comissão para acompanhar as investigações das autoridades brasileiras. Para o procurador-geral da República, Aristides Junqueira, ocorreu um genocídio contra os ianomami.

nomami, pois trata-se de uma tentativa de exterminar um povo.

O massacre de 21 pessoas, trabalhadores e seus filhos, em Vigário Geral por 40 agentes da PM mostra que a violência contra os índios é a mesma que atinge os trabalhadores e crianças carentes nos centros urbanos. O Estado brasileiro não tem dado respostas concretas para impedir que predomine a ingovernabilidade em todas as esferas públicas. Ao contrário, ele ainda está a serviço da classe conservadora que usa a repressão e políticas demagógicas para manter seu poder. Se a estrutura política fosse realmente séria e democrática, haveria intervenção federal nos estados de Roraima e do Rio de Janeiro, onde ocorreram os recentes massacres.

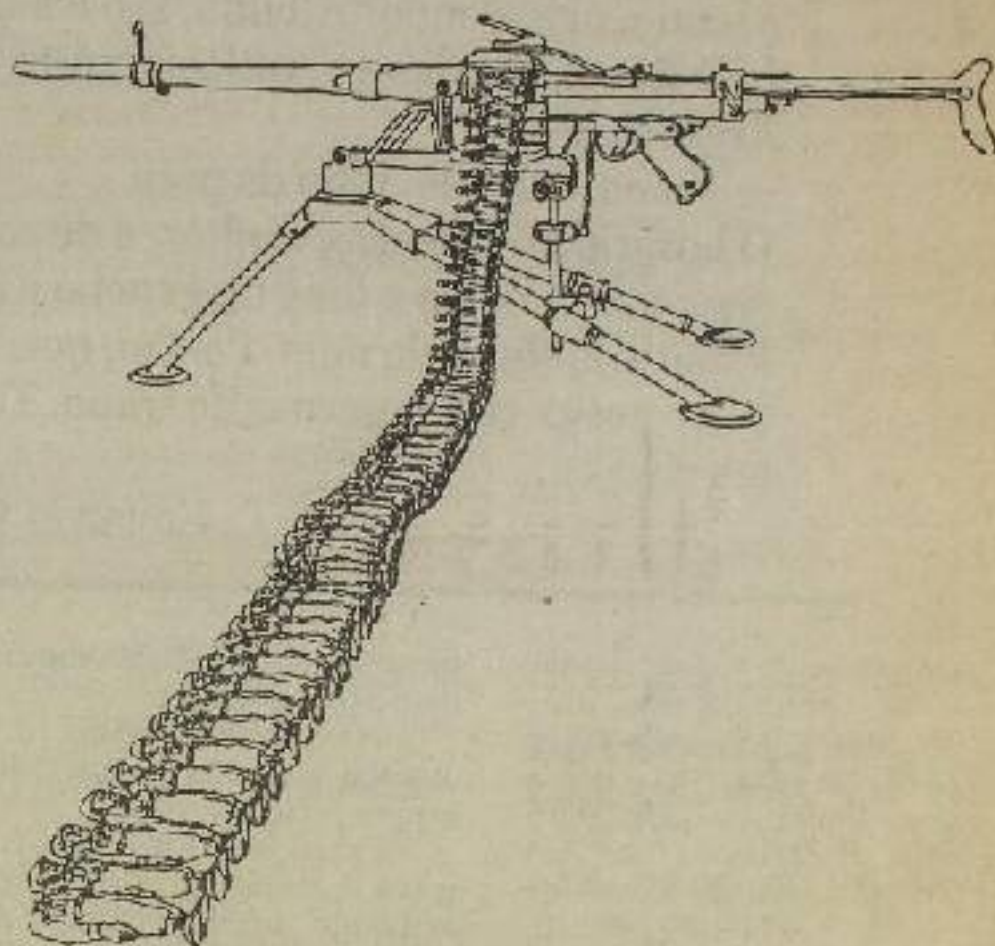
O próximo passo dos grupos conservadores será o do golpe da revisão constitucional. Eles querem derrubar os direitos sociais e coletivos e diminuir os direitos e garantias individuais. Também visam a livre exploração dos recursos naturais das terras indígenas, a privatização desenfreada das estatais e acabar com direitos que beneficiam os trabalhadores.



Encontro Latino Americano de desmilitarização

Com o objetivo de aprofundar a problemática da militarização da sociedade, o SERPAJ realizou um seminário Latino Americano sobre esta temática. Aconteceu em São Leopoldo/RS, nos dias 11 a 16 de julho de 1993. Este evento contou com a participação de membros do SERPAJ da Argentina, Paraguai, Brasil, Uruguai, Chile, entre outros convidados, pertencentes a

outras organizações populares. O militarismo vem se adequando à nova ordem mundial e às novas condições políticas, sociais e econômicas do nosso continente, transitando sob processos democráticos formais e tutelados ou na união com governos civis na volta ao autoritarismo. A militarização da sociedade obedece algumas lógicas fortalecidas ao longo da história Latino-americana.



■ Formas de Militarização

A) A Institucionalização Militar
A institucionalização militar alcança toda a sociedade no sentido de exigir desta os recursos humanos e econômicos que lhe permita sua continuidade histórica. Conforma-se em assegurar a percepção de sua necessidade, da compreensão de sua permanência indissolúvel ao ser nacional. Cabe destacar que esta forma de militarismo respeita a competência de outros órgãos e de instituições da sociedade.

Aqueles que apoiam esta forma de militarismo pretendem apresentar-nos o militarismo como mero transbordamento do militar fora do marco de sua competência, aceitando contudo a institucionalização militar como necessária na sociedade. Esta forma de militarismo é a que caracteriza a grande parte dos estados do mundo e se encontra garantida pelos regimes constitucionais dos países deste continente.

B) Militarização social

A submissão da sociedade à competência militar se dá através de diversas formas. Inicialmente, pela reformulação legal da competência da instituição militar estendendo sua jurisdição a campos que tradicionalmente pertencem a outras instituições. Por exemplo, a militarização da luta contra certas formas de

delinquência na sociedade. O uso de recursos das FFAA na atenção de necessidades sociais que competem a outras instituições é uma forma marcante de militarização. Com isto, se justifica a necessidade de recursos por parte da instituição militar e a destruição dos canais que normalmente deveriam atender as necessidades sociais. Por exemplo, os militares trabalhando na construção de obras públicas, atenção à saúde, à educação etc. A participação militar na planificação das obras públicas e sociais obedece há objetivos geopolíticos e estratégicos.

A manutenção do Serviço Militar Obrigatório (SMO) submete grande porcentagem da cidadania à jurisdição militar durante longos períodos, constituindo-se num mecanismo de controle social e de socialização de valores militares.

C) Características da lógica militar

A lógica militar identifica o conflito social, a crise econômica e política na pessoa e não nos fatos que o geram. Neste sentido, usa permanentemente uma posição antagônica baseada no conceito amigo versus inimigo. Identificado o conflito, segundo esta lógica, o militarismo pretende vencê-lo através do exercício da violência, eliminando-o e não resolvendo-o. Para garantir este

exercício de militarismo necessita monopolizar a força, com apoio constitucional, na media em que for necessário garantir, preservar ou impôr a ordem político-social.

Outra lógica se fundamenta na organização autoritária, vertical, hierarquizada e no princípio da obediência cega e devota. Tende à totalização, quer dizer, pretende abarcar todos os gêneros de relações humanas e vastos campos da cultura. Percebe um grande perigo na pluralidade política, sentindo a necessidade de interferir nos partidos e movimentos políticos, assim como nos processos democráticos.

■ Proposta de Desmilitarização

A desmilitarização é uma luta não violenta ativa em favor de um projeto político que se encaminha no sentido de eliminar o militarismo e suas consequências em nossa sociedade, através de modos de convivência que impliquem um respeito absoluto à pessoa e aos povos em seus direitos fundamentais, desenvolvendo por vias pacíficas de resolução de conflitos este projeto político, tanto a nível interno

como a nível externo em nossos países.

Neste sentido, a desmilitarização defende uma democracia baseada na igualdade social, na participação ativa da população na tomada de decisões e definições, no tratamento do poder, construindo o mesmo a partir de políticas sociais descentralizadas e recuperando os espaços de poder que foram entregues ou perdidos, no rompimento das estruturas hierárquicas, no envolvimento em atividades públicas das organizações populares.

O processo de desmilitarização deverá elaborar uma pedagogia de resolução de conflitos e de cooperação para a paz. Deverá promover uma estrutura alternativa, horizontal, nos grupos de base. Da mesma forma, resgatar as formas de luta não-violentas, a partir de trabalhos concretos, assumindo uma postura crítica frente às instituições adequadas.

Os trabalhos concretos, viáveis e transformadores visam uma postura de não colaboração com as FFAA a partir dos seguintes temas como a Objeção de Consciência, as Campanhas pelo Desarmamento, a discussão do conceito de defesa e segurança urbana e, finalmente, a reconversão da indústria bélica.

Toca o telefone e dou um salto.
Olho o relógio. Nove e meia da noite.
Atendo, não atendo? Atendo. É o comandante
José Rucci, da Aliança Anticomunista
Argentina:
— Vamos matá-lo, filho da puta.
O horário de ameaças, senhor, é de seis às oito,
respondo. Coloco o fone no gancho e me felicito.
Estou orgulhoso de mim. Porém, quero levantar-me
e não posso: tenho pernas de trapo. Tento acender
um cigarro.

Eduardo Galeano.

Possivelmente todos sabemos o que é o medo, pois, o conhecemos pela própria experiência. Há certas situações frente às quais sentimos medo. Poderíamos fazer, por exemplo, uma lista de alguns deles:

- Temor ser capturado a qualquer momento;
- Medo de encontro com grupos policiais, esquadrões...;
- Medo que chegue a polícia numa reunião do grupo;
- Medo à denúncia, à traição de um companheiro.

Estas distintas situações têm em comum a vivência do temor, insegurança e angústia. Nas situações limites, de caráter político-repressivo, se produzem muitas experiências que geram angústia e medo.

O medo pode ser:

- * medo ao desconhecido, a que

passa algo que não sabemos muito bem o que pode ser;

* medo ao conhecido, a uma ameaça concreta (a captura, aos grupos policiais...)

Na realidade estes dois medos estão misturados: por um lado, o ambiente social fechado, a desinformação e a arbitrariedade das situações faz que se difunda um medo ao "desconhecido"; por outro lado, a propaganda oficial, as ameaças e as experiências contínuas de repressão geram medo frente a certeza da ameaça. O primeiro produz muita incerteza, que é mais difícil de abordar. Em geral, quanto mais clara for a ameaça, mais possibilidades haverá de situá-la e enfrentá-la.

Colocar em comum no grupo distintas experiências de medo e das formas utilizadas para enfrentá-lo pode ajudar a ver como o temor influi na vida das pes-

soas. Aqui vamos apontar alguns recursos que podem utilizar-se para enfrentar o medo.

A. Manter uma postura ativa.

Se por qualquer motivo aparece a angústia e não se faz nada para enfrentá-la é provável que esta angústia vá aumentando e que se gaste cada vez mais energia para dominá-la.

É importante atuar, fazer algo para enfrentar as situações que produzem angústia e não deixar-se dominar por elas. Senão a pessoa se encontrará cada vez mais desprovida de energia vital, cada vez se sentirá menos capaz e mais paralisada.

Há duas formas de enfrentar a angústia.

— Enfrentar diretamente as situações que a produzem. Ainda que muitas vezes não se pode eliminar, pode-se introduzir mudanças (tomar precauções, mudar hábitos ou condutas demasiadas arriscadas...)

Enfrentar as consequências tentando manter o controle da situação, evitando comportamento impulsivos (relaxar ou pensar "hom, estou nervoso, mas vou tentar fazer isto e ver o que acontece, é importante que não perca o controle..., etc").

B. Trabalhar os medos

Significa que devemos tratar o medo a partir destes quatro pontos:

— Reconhecê-los. É o passo inicial para trabalhar o medo. É necessário reconhecer e tornar-se consciente de que se tem medo; o que é que eu sinto? O que é que eu penso?

— Analisá-los. Avaliar os riscos e sua base real. (Por exemplo, os riscos que podem significar uma caminhada, ou o perigo de assalto à comunidade).

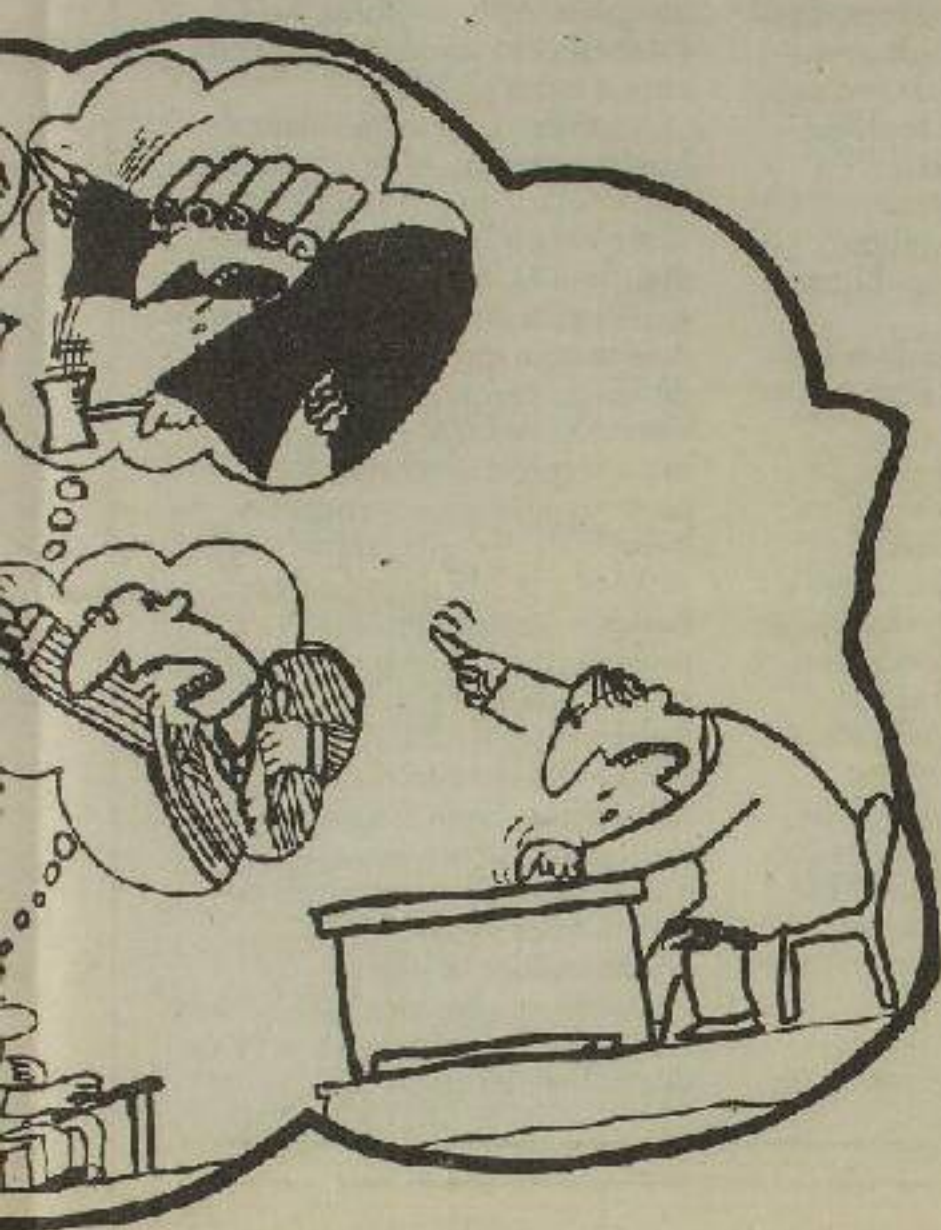
Socializá-los. Compartilhar experiências com outras companheiras e companheiros,



Um sentimento que deve assumir enfrentar

conscientizando-se e libertando-se da imagem deteriorada de uma pessoa que sente medo. Analisar os pontos comuns do que sentimos e se são experiências de todo





timento

vemos

e

tar

partes distintas que têm (Por exemplo, não saber o que fazer em caso de assalto ou captura, sentir-se inseguro quando se está sozinho...) e verificar o que se pode fazer para enfrentá-los (Por exemplo, ter normas de segurança, entrar em acordo sobre o que cada pessoa deve fazer em caso de captura, evitando certos riscos desnecessários etc.).

Reconhecer, analisar, socializar e dividir os medos é a única forma de relativizar as situações, de assumir os riscos reais existentes, cuidando para que o medo não tome conta de nós.

C. Evitar posturas rígidas

Frequentemente diante do medo toma-se três posturas:

- Negar o medo como forma de afirmar-se e sentir-se bem consigo mesmo ("Eu, veja, não tenho medo", "É impossível, eu não posso ter medo", "Alguém como eu não é lógico que tenha medo"...)

- Ocultar o medo para não preocupar os outros ou para não ser mal compreendido ("Não tem nada, tudo vai bem"...)

- Agir como se o medo não existisse, evitando ou afastando-se dos temas ou situações que podem provocá-lo ("Melhor não falar, não tem nenhuma importância", "Deixemos para outra oca-

são, agora não temos tempo"...).

Não se trata, porém, de negar as experiências, senão constatar sua natureza e integrá-la no próprio processo. As vezes isto pode levar a flexibilidade as expectativas que uma pessoa tinha de si mesmo (por exemplo, um bom militante não tem medo), e adequá-las num contexto mais real ("Tenho medo por que há uma situação de perigo... mas isto não significa que sou um mau companheiro").

Somente evitando as posturas rígidas pode-se também fazer autocrítica, mas uma autocrítica que não destrua ou derrube a pessoa.

Outro exemplo sobre a rigidez é evitar as formas de desvalorização de reconhecer a experiência de medo (ter medo não significa ser um "covarde"). Somente a partir disto se pode romper o círculo de negação da experiência que implica uma rigidez crescente nas pessoas e na dinâmica de muitos grupos.

D. Compartilhar os sentimentos

As experiências de medo geram muitos sentimentos e emoções. Estes sentimentos e emoções simplesmente existem e não podemos qualificá-los de negativos já que desta maneira é como começamos a negativizar tudo que se refere ao medo e a gerar os grandes prejuízos contra quem os sofre.

Portanto, não se trata somente de analisar se o medo tem ou não uma base "real". Ainda que muitas vezes não sejam sentimentos e emoções ligados a razões "lógicas", não diminui sua capacidade de dominar a vida e provocar muitas emoções contraditórias.

Daí a necessidade de que os sentimentos e as emoções sejam enfrentadas e compartilhadas desde um nível emocional mais profundo, desde os sentimentos de uma luta ou as motivações de uma pessoa ou um grupo para tomar parte dela.

Trata-se de conhecer e compartilhar os sentimentos de temor e de todo o sentido do que se está fazendo.

Foi útil para nós compartilhar os medos, as experiências e as reações que tivemos. Isto também nos ajudou a distencionar, ventilando nossos medos e debilidades. O grupo foi importante para apoiar-nos mutuamente em nossa tarefa de partilha.

Juan. Guatemala, 1989.

E. Promover a solidariedade

Vimos como as situações limites obrigam as pessoas e grupos a viver situações de grande tensão. O grupo que normalmente deveria ser um espaço de confiança e aceitação, pode encontrar-se afetado pelo medo e a desconfiança entre os próprios companheiros. Nestas situações é que se torna mais importante a solidariedade.

As pessoas não vivem sozinhas estas situações limites, mas ao contrário, vivem em grupo. O grupo pode ser um recurso muito importante para enfrentar o medo, favorecendo o reforço ideológico.

Porém, além disto, o grupo pode ser um espaço para o apoio mútuo, para compartilhar forças, controlar as reações impulsivas, compartilhar as experiências e efetivar soluções aos problemas.

As mães, ao descobrirem que eram mães de todos, descobriram um espaço comum e começaram a ter idéias comuns que geraram a aproximação aos demais. Conquistar a praça onde seus filhos reivindicavam significava criar um espaço para quem havia escondido que seus familiares eram desaparecidos. Escutar as pessoas na praça era apoiar a angústia de outras.

L. Edelman. Argentina, 1986.

NOTA

Este artigo foi extraído do livro: "Saúde Mental: A Comunidade como Apoio", de Carlos Martín Beristain e Francese Riera, páginas 67 a 73. O livro aborda o tema da repressão política e militar e as consequências sobre as pessoas. A obra contém, igualmente, testemunhos de pessoas que sofreram repressão física e psicológica e apresenta propostas metodológicas de trabalhos em grupo para enfrentar o medo.

Diante da importância do conteúdo e das propostas metodológicas, que poderão ser utilizadas nos trabalhos de base e SERPAJ/Brasil esta traduzindo e o publicará em breve.

o grupo (por exemplo, reconhecer os perigos e medos conjuntamente e libertar-se das tensões acumuladas...)

— Dividi-los. Tentar verificar as

Desobediência ao bloqueio econômico sobre Cuba

Com sucesso, a 11 Caravana da Amizade EUA-CUBA, organizada pelos Pastores para a Paz integrada por quase 300 norte-americanos, recentemente levou à Cuba uma ajuda comunitária de 100 toneladas de medicamentos, materiais escolares, alimentos, bicicletas, cadeiras de rodas etc. Esta ajuda foi coletada ao longo de 12 campanhas em 131 cidades dos EUA e transportada por 95 veículos que cruzaram a fronteira do México com EUA dia 29 de julho.

Destes veículos, um foi detido pelas autoridades fronteiriças norte-americanas em Laredo, México. Por este motivo, 14 pessoas iniciaram uma greve de fome. No ônibus detido encontram-se 9 pessoas, dentre as quais dois idosos, um de 86 e outro de 75 anos, num estado de saúde delicado devido à falta de alimentos, à poluição do posto fronteiriço e das altas temperaturas.

Manifestando sua solidariedade, o Conselho Ecumênico de Cuba convocou uma vigília permanente de jejum e oração em frente aos escritórios da Seção de Interesses dos EUA em Havana. Da mesma forma, os Pastores para a Paz convocaram a população para um ato não-violento de desobediência civil nos EUA e pedem às organizações internacionais de Defesa dos Direitos Humanos que manifestem sua preocupação pela vida dos irmãos em Laredo.

O Centro Memorial Dr. Martin Luther King pede que a comunidade internacional manifeste sua preocupação junto aos governos nacionais e embaixadas dos EUA, mobilizando a opinião pública em solidariedade ao povo cubano e pelo fim do bloqueio econômico a Cuba.

"A IGREJA INCRÍVEL"

Este é o título do livro escrito pelo Pe. Jesuíta Luiz Perez Aguirre, membro do SERPAJ/Uruguai, que tem causado dores de cabeça à hierarquia da Igreja Católica, pelas críticas apresentadas à Igreja e à sua doutrina. Conforme nos mostra diversos noticiários da imprensa nacional uruguaia, o companheiro Perico (Luiz Perez), foi "chamado ao silêncio" pela Igreja Católica Uruguaia.

Com o objetivo de determinar se o conteúdo apresentado incorre em algum erro de doutrina, a Comissão para a Doutrina da Fé iniciou um estudo minucioso e detalhado do livro. Durante este estudo o sacerdote não poderá realizar nenhum debate ou entrevista relacionados com sua obra, obedecendo a um pedido de seu superior, transmitindo uma ordem da Cúria Eclesiástica.

Perico é um sacerdote jesuíta que participa "de uma teologia

pensada a partir dos pobres, dos marginalizados, das mulheres, da teologia feminista, da teologia do corpo e gênero, da teologia da libertação, negando a confusão ideológica que se autodefine como fé católica", declara o Diário da República, no dia 12/08/93.

O autor declara acreditar na igreja apesar das barbaridades cometidas pela mesma, expressando sua preocupação sincera e rebelde. Em sua vida diária a igreja mostra sua incoerência entre o que prega e o que faz, sua falta de solidariedade, seu autoritarismo, seu secretismo e centralismo.

Segundo declaração do Bispo de San Jose, Mons. Pablo Galimbert, a Comissão para a Doutrina da Fé não quer emitir uma condenação, mas somente efetuar uma opinião no campo doutrinário para saber se as expressões contidas na publicação afetam de algum modo a credibilidade e a missão

da igreja. Após o estudo se estabelecerá um diálogo direto com o autor do livro.

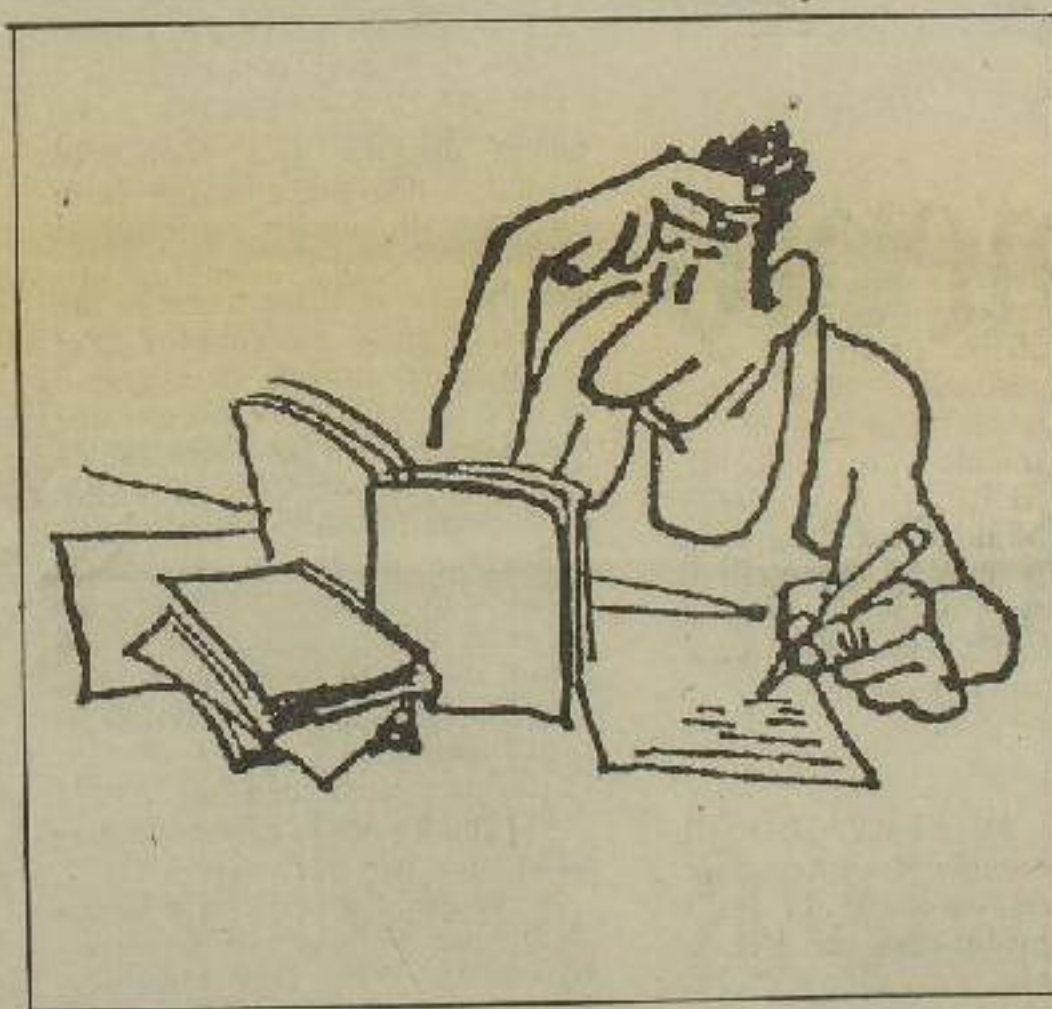
No mesmo jornal o Bispo de Minas-Uruguai, Mons. Victor Gil, declara que "Perico não sente com a Igreja, ainda que diga amá-la. Com suas atitudes e gestos está dizendo o contrário". A uma mão que se quer bem, devemos defendê-la e ver mais suas virtudes que seus defeitos, diz o bispo, manifestando sua preocupação com o conteúdo do livro.

Após a publicação destas notícias o companheiro Perico recebeu inúmeros manifestos de solidariedade e apoio. Igualmente, o SERPAJ/Brasil solidarizou-se com Perico manifestando ser importante as críticas construtivas nos dias atuais, visto necessitarmos de instituições menos conservadoras e mais comprometidas com as transformações sociais em favor dos pobres e oprimidos.

Dia mundial da Alfabetização

No dia 8 de setembro, é comemorado o Dia Mundial da Alfabetização. Uma análise da situação no mundo nos deixa estupefatos diante dos números. A população mundial chega a 5,3 bilhões de pessoas, sendo que aproximadamente 1 bilhão delas são analfabetas. Há previsões de que para o ano 2000 este número aumente consideravelmente, caso os governos continuem praticando o mesmo modelo de desenvolvimento que discrimina a maioria das populações.

No Brasil, o número de analfabetos chega a



aproximadamente 30 milhões no ano de 1993. Apesar de muitas tentativas históricas de se superar este índice, o analfabetismo tende a crescer, dado o descaso com que o governo trata a questão educacional. Cabe, diante desse quadro, um

compromisso dos movimentos populares de levar adiante um processo de alfabetização e conscientização política, exigindo que o governo cumpra com suas responsabilidades. Somente assim, respeitado o direito à cidadania e à educação.

CARTAS

■ Prezados amigos e amigas

Acompanho a história do SERPAJ e a luta pela liberdade e respeito aos direitos humanos desde 1983, é um tema que me apaixona e me dá esperanças de transformar o mundo a partir da ação não-violenta.

Há alguns meses estive na Prelazia de São Félix de Araguaia, fazendo uma experiência de vida junto ao povo pobre e sofrido. Neste lugar o Brasil Novo (de Collor) e o Brasil Unido (de Itamar) não chegaram. A justiça some em meio a tanta poeira e violência. Visitei os povos T'apirapé e vi a importância da demar-

cação de suas terras antes que toda a sua riqueza se perca.

Igualmente, os trabalhadores rurais e os cortadores de cana vivem numa situação subumana, enganados pelos "gatos" (empregueiros), num regime de semi escravidão.

Quase chegando ao Terceiro Milênio os governos municipais autoritários expulsam professores que despertem consciência crítica nos alunos e nos companheiros de magistério.

Como fruto desta viagem "pelas terras" de Dom Pedro Cassaldáliga queremos fundar no Vale do Paraíba um centro popular, comprometido com a luta do povo e

com a mudança radical da vida da sociedade, através da Não-Violência Ativa.

Mauro Kano

São José dos Campos/SP

■ Ao SERPAJ,

Gostaria de parabenizar todas as pessoas que colaboram e trabalham no SERPAJ. É muito bom saber que num país como o nosso existem pessoas capacitadas para caminhar em prol da Não-Violência, da solidariedade, da ação democrática comunitária, prevalecendo uma instituição consciente de um mundo melhor.

Agradeço pelo informativo nº 20 que trouxe objetividade e clareza à escolha da forma de governo.

Parabenizo o SERPAJ pelo

seu 15º Aniversário.

Samuel Leandro de O. Neto
Brasília/DF.

■ Estimados amigos,

É com grande satisfação que recebemos notícias periódicas de vocês através deste jornal. A luta persistente do SERPAJ pelos direitos humanos, pelo desarmamento e pela objeção de consciência é um exemplo para todos nós, que submetidos à tirania das agências de notícias internacionais somente conhecemos as catástrofes e desastres que ocorrem na América Latina.

Queremos acompanhá-los por ocasião de vossos 15 anos de luta pela justiça e pela dignidade junto ao povo brasileiro.

Um abraço muito forte de todos nós e desejamos êxito nos próximos anos.

Fernando Bauza

Latin American Society

REGIONAIS

■ Intercâmbios

O SERPAJ/NE II, através do Núcleo de João Pessoa, estará recebendo uma teóloga alemã a partir do dia 15/09/93. Silvia pretende acompanhar os trabalhos de base do SERPAJ no bairro Mandacaru, junto à população carente em sua luta pela libertação, no período de um ano.

□□□

O SERPAJ/Brasil recebeu durante o mês de junho a visita de 13 professores da Alemanha, cujo objetivo desta caravana foi conhecer a realidade brasileira e as experiências concretas de luta. Estiveram nas regiões de São Paulo, Brasília, Tocantins, Belém, Paraíba e Salvador.

Agradecemos o apoio e a solidariedade dos/as companheiros/as à nossa luta.

GRUPOS
NOVOS DO
SERPAJ

Acolhemos com alegria a formação dos grupos de Sossego/PB, de Rio Verde/GO, de São Cristóvão/CE e de São Domingos/PA. Nossa esperança de transformação pela não-violência torna-se mais sólida na medida em que mais grupos assumam esta bandeira. A justiça e a paz serão fruto de nossa luta conjunta e ativa.

Sejam bem-vindos.

Com certeza esta visita nos trouxe ânimo por sabermos que outros povos acompanham nosso processo histórico de transformação social.

□□□

Programa de formação

Realizamos o II Laboratório de Não-Violência, durante o mês de julho, com a participação de 13 pessoas, representando os grupos de base do SERPAJ. Mais uma vez tivemos êxito nesta experiência de capacitação, estudo, autogestão, troca de experiência, convivência e socialização. O resultado concreto está na participação de todos nos trabalhos populares em suas regiões. Esperamos agora cumprir com o desejo de continuação do programa, tanto com os que já participaram como formando novos grupos.

CANUDOS: um marco na luta pela terra (1893-1993)

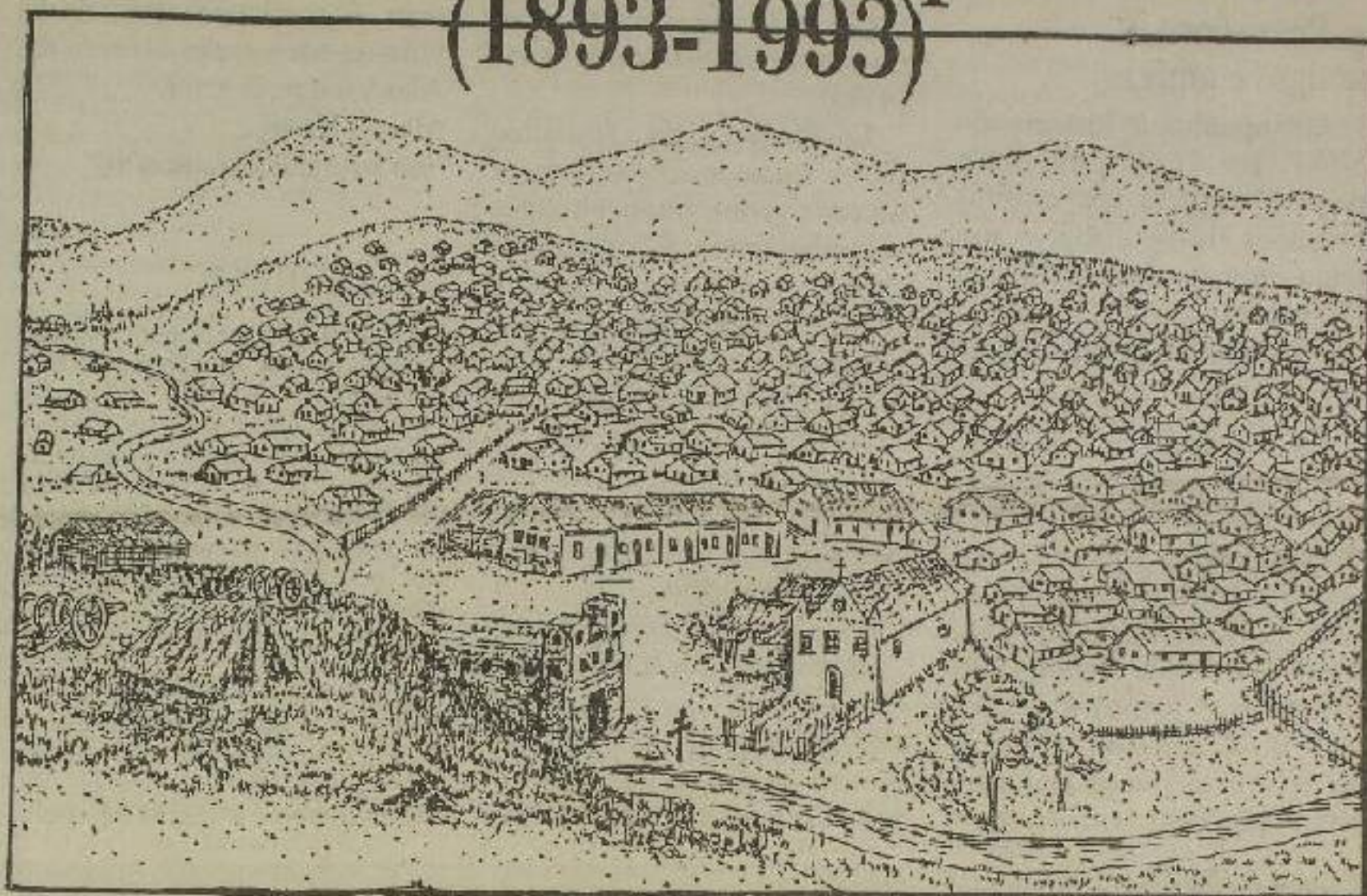
O episódio de CANUDOS representa um dos pontos altos da luta dos camponeses pobres contra a repressão, a miséria e a fome.

Seu líder, o místico Antônio Conselheiro, desde a década de 1870, percorria o sertão do nordeste objetivando criar uma sociedade igualitária e fraterna. Pregava aos nordestinos que a terra não tinha dono, que a terra é de todos. Dava a entender com isto que quem possuía a terra tinha a água, os meios de produção e consequentemente o poder.

Nas comunidades em que trabalhava, todos os problemas eram discutidos coletivamente e as decisões contavam com a participação do povo. Reprimido pela polícia, Conselheiro foge com os seus seguidores, fixando-se no Arraial de CANUDOS. Ali fundou a cidade de Belo Monte que chegou a reunir 30 mil sem terra, pobres e carentes, a segunda maior cidade da Bahia. Só perdia para Salvador.

As leis de Conselheiro eram aceitas por todos. O pão era repartido igualmente. A posse da terra era coletiva.

Canudos tornou-se uma ameaça aos latifundiários que dominavam o sertão. A pedido de fazendeiros e do clero, a força policial baiana atacou o Arraial em 1896. Foi derrotada. Em 1897, o exército nacional entrou em ação. Promoveu três expedições, mobilizando 12 mil homens e modernas armas. Nas duas primeiras, os sertanejos derrotaram o exército nacional. Em 5 de outubro de 1897, o Arraial de Canudos que durou quatro anos foi destruído e cinco mil soldados morreram em com-



CANUDOS: em pouco tempo tornou-se a cidade mais populosa do Estado com cerca de 20 mil habitantes. Foi incendiada em 5 de outubro de 1897.

bate.

Antônio Vicente Mendes Maciel, popular Antônio Conselheiro, nasceu em Quixeramobim, em 1829, no Ceará. Morreu no dia 22 de setembro de 1897.

O lugar onde aconteceu o movimento de Canudos chama-se hoje município de Paulistas da Cunha, em homenagem ao escritor de "OS SERTÕES", um romance que narra a história do Arraial de Canudos.

O Movimento Sem Terra estará promovendo em outubro, por ocasião do 1º Centenário de Canudos, diversas atividades a

nível nacional. A principal delas vai ser um acampamento em Canudos com no mínimo 500 delegados de diversos estados, nos dias 23 e 24 de outubro. Como programação está prevista uma caminhada, um ato público, a participação na Romaria da Terra, uma tribuna livre com textos, cantos, repentes etc. Planeja-se ainda projetar filmes e fazer exposições de fotos como também preparar um documento (carta aberta de Canudos), buscando a adesão de todas as entidades, organizações e personalidades presentes, que será

aprovado em público, e depois remetido a todas as autoridades e opinião pública.

Atividades semelhantes estarão sendo realizadas nos estados no mesmo período.

Os objetivos principais destes eventos são comemorar em todo o País o significado dos cem anos de luta; projetar Canudos como Símbolo Nacional de luta pela terra e pela Reforma Agrária e difundir na opinião pública o significado de Canudos. Em conjunto com outras entidades e organizações populares.

Renato Reinehr, MST



SERPAJ
SERVIÇO PAZ E JUSTIÇA
SDS - Ed. Venâncio V
Sala 313
Telefax: (061) 225-8738
70393-900, Brasília, DF

Colaboraram nesta edição

Angela Stanguerini,
Norberto Chemin, Ieda
Maria Cavalcant e Renato
Reinehr.

APOIO
AEC do Brasil
15 ANOS DE LUTA

O SERPAJ/Brasil é membro do SERPAJ/América Latina. Organismo Consultivo da ONU, Status II do Conselho Econômico e Social (ECOSOC) e mantém relações com a UNESCO (Categoria C).



74540
F-25593

SERPAJ/ARGENTINA
PIEDRAS 730
3347036 (00541)
005413615745
ARGENTINA

IMPRESSO